

# “UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL”

MARIA EDNALVA BEZERRA DE LIMA

Central Única dos Trabalhadores – CUT



*“Um outro mundo é possível.”* Esta afirmativa passa a ser quase que uma palavra de ordem em todos os lugares onde os movimentos sociais se encontram.

Para nós, feministas, incorporar esta consigna é quase que manifestar explicitamente o que sempre dissemos nos nossos discursos, em vários lugares em que atuamos e nas ações que desenvolvemos com as mulheres de diferentes categorias, raças, credos religiosos, orientações sexuais etc. Esta foi minha primeira sensação ao me deparar com um evento de tal diversidade.

Após três anos consecutivos, consigo perceber melhor e com mais nitidez o significado do Fórum Social Mundial. Um evento construído de forma coletiva, com uma variedade de pensamentos, idéias e práticas.

Porém, com objetivos e metas tão comuns. Parece-me um caldeirão, onde cabem todas as porções necessárias para a construção de um mundo melhor. Um mundo em que as regras sejam baseadas no desenvolvimento humano. Em uma sociedade onde os indivíduos possam conduzir, conscientemente, suas idéias, seus desejos e anseios com liberdade. As condições de vida, o acesso ao lazer e o prazer são partes fundamentais desse desenvolvimento. Essas questões, a meu ver, sempre estiveram presentes quando definimos de que forma queremos estar no mundo, enquanto mulher. Ou seja, enquanto sujeito social e político. Consideramos que, ao crescimento pessoal e coletivo, sejam agregadas as diversas dimensões das relações sociais, elementos importantes para a socialização dos indivíduos no mundo.

Em 2001, enquanto os presidentes de várias nações se reuniam em Davos, os movimentos sociais se encontravam em Porto Alegre, em uma conexão de resistência ao modelo neoliberal. Ali, tudo era tão novo que parecia um sonho. Um sonho de mais de cinco mil pessoas.

Nele, as feministas se incluíam. Basta ver o grande número de oficinas, atividades alternativas e protestos que foram realizados, entre eles, pela “defesa da legalização do aborto”.

O primeiro Fórum Social Mundial foi marcado pelas múltiplas idéias, pensamentos ideológicos, filosóficos. Registraram-se várias formas de resistir, baseadas no respeito às diferenças. Mesmo que isso não estivesse tão evidente naquele momento. Pois, nas conferências oficiais, destacava-se a ausência de mulheres nas mesas e painéis.

---

Copyright © 2003 by Revista Estudos Feministas

E isso foi um fato significativo para a organização. Assim me pareceu, pois, para reparar essa ausência, fui convidada a fazer a abertura do fórum, por ser da direção executiva da Central Única dos Trabalhadores – CUT, entidade integrante da coordenação. Penso que esse registro implicou, significativamente, o crescimento do número de mulheres na coordenação dos fóruns seguintes, bem como a composição de mesas e painéis das conferências.

Porém, perceptível foi o grande número de oficinas, debates e discussões, nacionais e internacionais, sobre os temas relacionados às mulheres e às relações sociais de gênero.

Aqui, quero ressaltar a oficina que a Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora – CNMT/CUT realizou sobre as trabalhadoras do Mercosul e os impactos dessa política no cotidiano do trabalho. Contamos com a presença de feministas de vários países da América Latina, Caribe e Europa e de trabalhadoras brasileiras. Nessa oficina, enquanto trabalhadoras e feministas, conseguimos marcar fortemente a nossa presença, com reflexões importantes sobre a construção de um outro mundo possível, principalmente, com justiça social.

Esses fóruns são, particularmente, um lugar de contestação política dos movimentos sociais, intercâmbio de experiências organizativas e de reflexões entre os ‘iguais’ e os ‘diferentes’. Um espaço de troca das mais diversas formas de visão de mundo, de aplicação metodológica e dinâmicas específicas, de encaminhamentos das lutas, com o intuito de construir um futuro mais promissor.

Superam os limites de um evento. As elaborações coletivas que ali ocorrem são parte de um processo em que se concretizam as possibilidades de estabelecer relações com os pensamentos políticos, filosóficos, sociais e culturais baseados nos parâmetros dos direitos humanos e no respeito pelo pensamento plural.

O grande sucesso foi a comunicação estabelecida com as mais diversas linguagens, conhecimentos e idéias que alimentaram os/as participantes, tanto nos espaços oficiais como em outros eventos chamados de alternativos.

As manifestações dos vários setores e suas produções culturais, intelectuais, artísticas tornaram-se fortes elementos de expressão de sentimentos, processados em diferentes maneiras de resistir, de falar, de colocar-se diante do mundo. De fato, é possível observar o reflexo disso no cotidiano, através de mudanças de comportamentos, de mentalidade e de novas formas de dizer qual mundo queremos construir.

A meu ver, isso possibilita o intercâmbio de experiências que têm em comum a preocupação com o desenvolvimento humano em sua plenitude, buscando alternativas que contribuam com o fim da pobreza e da exclusão social imposta pelas políticas neoliberais ditadas pelas instituições financeiras multilaterais (como o Banco Mundial, o FMI e a OMC).

Esses fóruns são importantes enquanto um espaço de elaboração coletiva, de construção e articulação de estratégias, entre as diversas instituições, movimentos sociais e sindicais de vários lugares do mundo, para que possamos intervir na formulação de políticas em favor da cidadania.

A realidade tem demonstrado que a globalização agrava a exclusão social, trazendo conseqüências diferenciadas para homens e mulheres, para trabalhadores e trabalhadoras. O processo de globalização aprofunda e reforça as discriminações de gênero e raça.

As mulheres no mundo ocidental têm aumentado, significativamente, sua participação no mercado de trabalho. Porém, ainda se encontram majoritariamente nos postos de trabalho menos qualificados, ganhando os menores salários e sendo as mais atingidas pela flexibilização e pela precarização das relações de trabalho.

A presença massiva da mulher no espaço público tem estimulado um debate

constante da promoção da igualdade de oportunidade. Cresce a organização das mulheres nos movimentos sociais, nos sindicatos, nos partidos políticos, nas organizações não governamentais, grupos, associações, cooperativas e movimentos mais gerais.

A promoção específica de mulheres é parte eloqüente do enfoque de gênero. É fundamental que homens e mulheres participem em termos de igualdade do desenvolvimento econômico, político e social.

O movimento de mulheres centra seu trabalho no fortalecimento da participação das mulheres nas decisões políticas, na superação da discriminação no âmbito do trabalho produtivo e reprodutivo, no marco da erradicação da pobreza, pelo fim da violência sexual e doméstica, pela defesa dos direitos de decidir sobre o seu corpo em relação à sexualidade, à maternidade, ao aborto. Enfim, ao direito de ir e vir, ao exercício do poder e da cidadania.

Por isso, entendemos que as mudanças sociais só têm sentido com a inclusão das relações sociais de gênero, raça/etnia, classe, entre outras dimensões dessas relações, na perspectiva de reverter a situação de discriminação e subordinação.

Não basta só alcançar a participação para mudar a realidade. É necessário contribuir com a tomada de consciência, transformar os obstáculos que as mulheres enfrentam para o seu desenvolvimento pessoal e sua participação social, em medidas compensatórias que possibilitem sua inserção em outro patamar, com maior desenvoltura e disponibilidade.

A presença das mulheres nos espaços de decisão é imprescindível. O processo de descentralização e de divisão do poder tem aberto novos canais de participação. Estabelece um novo diálogo, uma nova forma de interpretar a presença da mulher, apontando um outro desenho e definição de políticas sociais com abrangência local, nacional e internacional.

A articulação do movimento de mulheres em redes, em fóruns e em entidades sindicais, entre outras esferas, tem tido desafios importantes em sua trajetória. Visam, de forma organizada e sistemática, à construção de um projeto que permita a aplicação de ações e políticas na perspectiva de gênero.

Ao mesmo tempo, várias centrais sindicais têm buscado intervir e democratizar os processos de integração regional como o Mercosul, a Alca e a Comunidade Européia, destacando a importância de incluir nesses processos componentes sociais, políticos e culturais. As mulheres trabalhadoras atuam cada vez mais nessa articulação, através das Comissões de Mulheres da Região Andina, da Coordenadora de Centrais Sindicais do Cone Sul e da Organização Regional Interamericana de Trabalhadores (ORIT).

Nesse sentido, o Fórum Social Mundial, em suas várias edições, vem consolidando-se como mais um espaço propício de reflexão, intercâmbio e possibilidades de ações integradas, para o enfrentamento e defesa dos direitos das mulheres, em nível nacional, regional, continental e mundial.

São com essas considerações que o feminismo e as mulheres organizadas em várias instituições, grupos de mulheres, comunidades e outros espaços vêm se colocando no cenário do Fórum Social Mundial, enquanto movimento de interlocução com a sociedade, através do diálogo social.